

COMO FALA UM ACTANTE COLETIVO? A ORGANIZAÇÃO FIFA ENCARNADA POR JÉRÔME VALCKE

HOW DOES A COLLECTIVE ACTANT SPEAK? FIFA INCARNATED BY JÉRÔME VALCKE

Alex Fernando Teixeira Primo*

RESUMO:

Enquanto é crescente o volume de pesquisas sobre a agência de não humanos, o número de publicações sobre a agência de coletivos compostos por alto número de associações híbridas é muito inferior. É justamente essa problemática que este artigo pretende enfrentar. Mais especificamente, quer refletir sobre como agem as organizações. Como podem se fazer presentes, mesmo quando estão ausentes. Como suas ações deslocadas produzem diferenças. E como seus porta-vozes falam em seu nome e agem como sua própria “encarnação”. Após discussão sobre as contribuições da Teoria Ator-Rede e da Escola de Montreal para o estudo da ontologia das organizações, empreende-se uma análise da cobertura midiática das ações do secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, enquanto gerenciava a finalização das obras dos estádios que sediariam jogos da Copa do Mundo no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE:

Teoria Ator-Rede, Escola de Montreal, organização, Teoria das Organizações, actante coletivo

ABSTRACT:

While there is a growing volume of research on non-human agency, the number of publications on the agency of collectives composed of a large number of hybrid associations is much lower. It is precisely this problem that this article intends to address. More specifically, it wants to reflect on how organizations act. How they can be present even when they are absent. How their dislocated actions produce differences. And how their spokesmen speak on their behalf and act as their own “incarnation”. After a discussion on the contributions of Actor-Network Theory and the Montreal School to the study of the ontology of organizations, this paper undertakes an analysis of the media coverage

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisador do CNPq. Pesquisador de cibercultura. PORTO ALEGRE, Brasil. alex.primo@gmail.com

about the actions of the general-secretary of FIFA, Jérôme Valcke, while he managed the completion of the stadiums, that would host matches of the World Cup in Brazil.

KEYWORDS:

Actor-Network Theory, Montreal School, organization, Organizational Theory, collective actant

INTRODUÇÃO

Após o choque inicial ao deparar-se com as contribuições ontológicas da Teoria Ator-Rede, um pesquisador de cibercultura consegue reconhecer a fertilidade dessa perspectiva para o estudo das associações entre humanos e não humanos. Compreendendo como uma cadeia de agências pode constituir actantes híbridos, o estudioso passa a vislumbrar a formação de coletivos sociotécnicos. Mas, enquanto é crescente o volume de pesquisas sobre a agência de não humanos, o número de publicações sobre a agência de coletivos compostos por alto número de associações híbridas é muito inferior. É justamente essa problemática que este artigo pretende enfrentar. Mais especificamente, quer refletir sobre como agem as organizações. Como podem se fazer presentes, mesmo quando estão ausentes. Como suas ações deslocadas produzem diferenças. Para que se possa discutir esses temas, mantendo foco privilegiado na Comunicação, é preciso, antes de mais nada, colocar em debate a ontologia das organizações.

A organização não é uma coisa, um objeto concreto. Não se restringe a um *locus* específico, como o seu imponente prédio. Segundo Cooren et al. (2008), desde a década de 1980 está em crise a visão de organizações como entidades objetivas, de limites estruturais e identitários bem definidos. Diferentes metáforas são frequentemente usadas com o fim “didático” de oferecer uma explicação mais concreta do que é uma organização. Historicamente, ela tem sido comparada com máquina, organismo, cérebro, cultura e sistema político. Contudo, (TAYLOR E EVERY, 1999) observam que tais ilustrações são bastante limitadas e podem mais prejudicar do que facilitar a compreensão do conceito. Uma metáfora, apontam eles, esconde tanto quanto revela. Esses autores, inspirados pela Teoria Ator-Rede, lideram um grupo que veio a ser conhecido como Escola de Montreal. Com foco principal nos processos de comunicação, criticam as perspectivas que descrevem as organizações como objetos estáveis ou “fatos sociais”,

no interior dos quais ocorreria a comunicação. “Em vez disso, organizações são retratadas como conquistas precárias e em andamento realizadas, experimentadas e identificadas primariamente – se não exclusivamente—em processos de comunicação.”¹ (COOREN et al., 2011, p. 1150).

Após a discussão dos principais conceitos e pressupostos ontológicos oferecidos pela Sociologia das Associações (como se auto-intitula a Teoria Ator-Rede) e pelos pesquisadores da Escola de Montreal, este trabalho empreende uma análise das ações do secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke, enquanto porta-voz privilegiado dessa organização. A partir da cobertura midiática de suas declarações sobre as obras nos estádios que sediariam a Copa do Mundo no Brasil, demonstra-se como processos de conversações e textualizações atualizam a presença da Fifa no país. Além disso, atenção especial é conferida a como Valcke encarna a organização para qual trabalha, dando-lhe voz.

DEFINIÇÃO PERFORMATIVA DA ORGANIZAÇÃO

Assim que se define o que é uma organização, aponta Latour (2013), acaba-se por aprisioná-la em uma definição ostensiva – ou seja, que coisifica o que é definido, que o concebe como algo estático e perene². No intuito de evitar-se tal explicação fantásmica, é preciso contar e recontar sua história, enquanto ela de fato acontece. É aí que uma definição performativa se torna necessária, que respeita a fugacidade do que descreve (pois deixa de existir quando não é mais performado). Nesse sentido, a proposta do autor é que, em vez de dizer-se o que é de fato uma organização, deve-se falar “organizacionalmente”.

Em seu texto³ dedicado ao tema, a estratégia retórica que Latour (2013) utiliza, para refletir sobre essa forma adverbial de falar, é relatar uma reunião fictícia do conselho de diretores de sua universidade. Nesse relato hipotético, Latour menciona que por várias vezes os participantes apontaram para o busto de Emile Boutmy (o fundador da faculdade), presente em um canto da sala, para se referir à essência, ao “DNA da instituição”⁴. No entanto, tal substância, que muitos poderiam supor que deveria impor uma certa forma de administração da universidade, não existe.

É preciso recusar perspectivas que indicam que a organização é o que acontece entre os atores individuais e a estrutura ou sistema. O erro desses clichês, conforme sentencia Latour, é crer que existem um dentro e um fora, um micro e um macro – algo grande

(como a organização) e algo pequeno (o funcionário). Se todo ator é uma rede, conforme defende a Teoria Ator-Rede (LAW, 1992), cai por terra a intenção de demarcar limites de onde começam e terminam o indivíduo e a organização

Organizações não são superorganismos que impõe ações específicas àqueles em seu “interior”. Da mesma forma que ao se dirigir guiado por um GPS mantém-se uma dúvida sobre os destinos sugeridos, ilustra Latour (2013), os atores de uma organização às vezes seguem scripts determinados, em outros momentos adotam roteiros alternativos. Estes estados de crise ocorrem com alguma frequência, o que põe em cheque definições ostensivas de organizações, que escondem o movimento de aceite e recusa de instruções. É justamente essa pulsação que movimenta e que atualiza o coletivo.

Assim que uma organização é confundida com uma placa onde inscrevem-se missão/valores/visão, e que acredita-se que estes “macro roteiros” sejam reproduzidos nos “micro cenários”, paralisa-se o movimento que dá ao coletivo sua própria existência.

Segundo a ontologia apresentada pela Teoria Ator-Rede, não existe nada transcendente sobre organizações, nada externo que as governe. Ao observar-se organizacionalmente, reconhece-se os processos imanentes que fazem a organização acontecer, enquanto atores e rede fabricam e são fabricados, em processos sequenciais de aceitação e crise – o que Latour (2013) chama de abaixo e acima de scripts. Por outro lado, quando essas associações deixarem de ocorrer, não há nenhuma substância transcendental que possa lhe recuperar a vida.

Ao recusar a ideia de que a organização guarda atores sociais em seu interior, a Teoria Ator-Rede defende uma concepção monista (LATOURET AL., 2012). Em vez de uma matrosca russa (uma boneca dentro de outra, sucessivamente), a imagem proposta é de uma terra plana⁵ (LATOURET AL., 2013). Ao indicar que os processos de circulação de scripts são planos, aponta-se que são eles, e apenas eles, que devem ser rastreados para encontrar-se a organização em andamento. Para além desses processos, nenhuma essência pode ser encontrada, nenhum mágico sopro de vida. Ou seja, não há inércia que salve uma organização sem novas associações. “Você deixa de conduzi-la, ela cai morta.⁶” (LATOURET AL., 2013, p. 41).

Trata-se, pois, de uma ontologia que reconhece o caráter performativo das organizações. Com esta constatação, Robichaud e Cooren (2013) apontam que elas passam a

existir quando que se tornam um evento. E como sentencia Latour (2013, p. 43), “nunca há nada mais profundo do que ele é em sua atualidade⁷”.

Recorrendo à etnometodologia de Garfinkel, Latour (2013) observa que até mesmo rotinas não ocorrem naturalmente. Um movimento recorrente precisa ser levado a cabo, mais uma vez... até uma “próxima primeira vez” (GARFINKEL, 1984). Esta frase revela que mesmo aquilo que se repete depende de novas associações. Reconhecida essa dinâmica, vale agora retomar-se o relato sobre a reunião de Latour (2013, p. 40) com o conselho de diretores:

Isto é o que faz a vida em nosso conselho de diretores tão difícil: Nós simultaneamente temos o sentimento de que esta escola é tão sólida, pesada, inflexível, obstinada, como uma pirâmide de cem toneladas que repousa em nossos fracos ombros nos paralizando e sufocando; e que, ao mesmo tempo, ou no próximo momento, pode dissipar-se como um bando de pardais – nós temos que trabalhar duro para juntá-la de modo que possa durar por mais um período de tempo, duração esta que permanece totalmente imprevisível...⁸

A agência, portanto, é o melhor ponto de partida para a investigação do mundo organizacional (CASTOR e COOREN, 2006). Contudo, esse procedimento não deve considerar apenas a agência humana. Compreendendo a agência como a capacidade de fazer diferença, Castor e Cooren (2006, pp.573-574) mostram que não se pode deixar de lado as ações de actantes não humanos:

Isto significa que dadas suas capacidades de fazerem diferença, entidades tão diversas como textos (ex: “Este documento confirma a participação dele na conferência”), máquinas (ex: “O computador indica que o nível de energia da bateria está muito baixo”), sinais (ex: “Essas setas o levarão até o escritório dela”), ou mesmo coletivos (ex: “A IBM acaba de decidir que diminuirá suas operações”) têm agência...⁹

Diante do argumento de que os não humanos não tem intencionalidade (SEARLE, 1997), e por isso não teriam agência, Castor e Cooren (2006) explicam que em coletivos socio-técnicos o que ocorre é uma cadeia de agências. Nesse sentido, a agência de computadores ou textos, por exemplo, parte de um processo de delegação de humanos, através do qual articulam-se movimentos feitos com por outros actantes (LATOUR, 1994). É preciso notar, no entanto, que a atribuição de agência a objetos, não apaga as estratégias e intenções dos atores humanos (COOREN, 2010). De qualquer forma, além dos processos de delegação, Castor e Cooren (2006) insistem que a agência de coisas e coletivos não pode ser atrelada à intencionalidade, o que resultaria na negação de que entidades não humanas fazem real diferença nas associações das quais participam.

O princípio de simetria entre actantes humanos e não humanos, defendido pela Teoria Ator-Rede (LATOUR, 2005), refere-se ao fato que todos envolvidos em uma dada situação participam de sua evolução. Por certo, este é um dos pressupostos ontológicos da TAR que causa muito desconforto naqueles que defendem perspectivas antropocêntricas. Talvez isto fique mais claro considerando-se que a falta de um dos participantes da associação, ou mesmo sua substituição por outro, alteraria ou até inviabilizaria o curso da ação. Em outras palavras, todos actantes (humanos e não humanos), que produzem diferença, que compartilham suas ações com os outros participantes, co-constroem o real. Os humanos, portanto, não tem condições de sozinhos definir e controlar o mundo. “Reconhecendo que ação e agência não são privilégio de seres humanos de fato nos permite descentrar nossas análises e mostrar que pessoas são acionadas tanto quando agem.¹⁰” (COOREN, 2010, p. 22).

Para que o princípio da simetria fique mais claro, e para que outros conceitos da Teoria Ator-Rede – necessários para a futura reflexão sobre como fala a organização – possam ser esclarecidos, a próxima seção demonstrará teoricamente e através de inúmeros exemplos como se constituem, como são reconhecidos e como agem actantes coletivos.

A AGÊNCIA DE COLETIVOS HÍBRIDOS

Recusando o caminho mais fácil – o de aprisionar o social dentro de definições ostensivas –, pretendo agora, através de diversas situações hipotéticas, colocar em discussão conceitos como delegação, ação deslocada, tradução, princípio de irredutibilidade, encarnação, ventriloquismo e porta-vozes. Como se verá, tais conceitos da Teoria Ator-Rede e da Escola de Montreal contribuem significativamente para o estudo das associações híbridas, a partir da qual as organizações são construídas, persistem no tempo e se comunicam.

Quando escrevemos um bilhete com uma caneta, compomos um coletivo com esse instrumento. É através dessa associação que a escrita se dá. A rigor, lembra Cooren (2000), é a caneta que de fato marca o papel. O autor alerta, contudo, que não se pode atribuir a escrita apenas ao redator, nem tampouco somente ao instrumento, pois ela não se realizaria não fosse a associação estabelecida entre eles.

Depois de entregue e lido pelo destinatário, o bilhete levará este último a manifestar algum tipo de comportamento (satisfação, ódio, desprezo, etc.). Percebe-se que a

entrega de uma informação foi delegada ao bilhete. Ao causar algum tipo de diferença no leitor – ao fazer o outro fazer algo (LATOUR, 2005) - verifica-se a agência desse actante não humano. Tendo sido escrito em outro tempo e lugar, reconhece-se também como a ação é “deslocada”. E, finalmente, atuando como um representante do redator, o que o bilhete empreende não é simples transmissão ou transporte, tal qual supunham Shannon e Weaver (1962). Trata-se, isso sim, de uma tradução. Cooren (2010, p. 57) comenta que os suplentes (neste caso, o bilhete) acabam por adquirir certa autonomia: “...como quaisquer representantes, eles podem traduzir o que parecemos significar, mas eles também podem nos trair, fazendo-nos fazer e dizer coisas que não pretendíamos¹¹”.¹²

Considere agora a situação de um executivo de uma empresa brasileira de importação/exportação que reúne diversos documentos para uma viagem a negócios para os Estados Unidos. A apresentação do certificado de quitação do serviço militar, título de eleitor e carteira de identidade são necessários para a emissão de seu novo passaporte. Essa caderneta de papel, por sua vez, permite a saída daquele cidadão de seu país. Já um adesivo de visto americano colado em uma de suas folhas tem a capacidade de permitir que o carimbo de entrada nos Estados Unidos seja concedido por um funcionário de Proteção da Fronteira (CBP¹³) no porto de entrada¹⁴. Como se vê, não basta a presença “em carne e osso” do executivo no balcão do aeroporto. Estar associado ao passaporte com visto de entrada é condição necessária. Os poderes de todos esses documentos e certificações (o adesivo, o carimbo) são reconhecidos por autoridades competentes. O funcionário americano não precisa ligar e conversar com outros humanos para confirmar que o executivo tem autorização para tal viagem. A presença ou falta daquela papelada pode autorizar, produzir ou proibir determinados efeitos. Enfim, os documentos são actantes não humanos que produzem diferenças localmente e em outros lugares, mesmo afastadas no tempo e no espaço de quem as delegou poderes. Reconhece-se aí situações nas quais a ação é deslocada.

Vale apontar que, meses antes, este mesmo executivo entregou documentação ao consulado comprovando que sua empresa lhe delegava poderes para fazer negócios em seu nome nos Estados Unidos. Os funcionários do consulado, como também o funcionário do CBP no aeroporto, têm suas decisões respeitadas em virtude do crachá que carregam, do espaço arquitetônico que ocupam e de inúmeros outros actantes presentes que lhe conferem autoridade delegada por outros tantos actantes ausentes naquele

determinado período temporal. Ou seja, o rastreamento das concatenações de associações entre os mediadores envolvidos (humanos e não humanos) facilita a compreensão de como o social é produzido apenas durante tais processos, mesmo que através de ações deslocadas, e como os coletivos híbridos se constituem.

Apesar de necessários, o passaporte e o visto não são suficientes. Se assim fosse, estar-se-ia considerando mero transporte de uma força, de um *token* que automaticamente liberaria o acesso. Durante a rápida entrevista logo após o desembarque, o funcionário americano pode desconfiar das reais intenções daquele passageiro. Caso este não fale inglês e não consiga explicar como conduzirá as tratativas com empresas dos Estados Unidos, o funcionário americano tem autoridade para exigir novas informações e até lhe barrar a entrada no país.

A partir das ilustrações apresentadas até aqui e da discussão sobre a simetria entre actantes e suas associações planas, é importante tratar do que Latour (2005) chama de princípio de irredutibilidade. Reconhecendo-se que, distante da simples transmissão de informações através de intermediários, as associações se dão de forma “negociada”, que transformações imprevisíveis são produzidas entre os mediadores no curso da ação, é possível então compreender que: “uma concatenação de mediadores não traça as mesmas conexões e não requer o mesmo tipo de explicações que um séquito de intermediadores transportando uma causa.¹⁵” (2005, p. 107). Pode-se, pois, vislumbrar como as cadeias de associações entre um volume de actantes (humanos e não humanos, presentes ou ausentes) participam da construção daquela situação específica de viagem a negócios.

É necessário também destacar a relação entre a natureza híbrida das organizações envolvidas e os processos de delegação, representatividade e responsabilização. A autoridade consular americana em solo brasileiro e o funcionário do CBP no aeroporto americano são, em suas capacidades e naqueles instantes, os Estados Unidos. Já a assinatura do executivo brasileiro em documento registrado em Nova Iorque compromete a organização na qual trabalha a cumprir os compromissos e gozar dos benefícios descritos naquelas folhas de papel. Ou seja, tal actante não humano passa a autorizar certas possibilidades e coibir outras (através de multas, por exemplo). No momento de fechamento desse negócio, não houve qualquer questionamento se as assinaturas e rubricas eram de fato da própria organização. Tampouco se cogitou no escritório americano que a organização fosse apenas aquele brasileiro ali presente.

Em verdade, o executivo brasileiro é mais do que um representante da organização. Ele é, nos termos de Cooren (2010, p. 6), sua encarnação¹⁶. Conforme a proposta desse autor, a presença encarnada de algo ou alguém em outro tempo e lugar demanda uma atenção renovada para os modos coletivos de existência.

Se de fato nós jamais deixemos a *terra firma* da (inter-)ação, isso significa que alguma coisa como uma organização ou sociedade, por exemplo, passa a existir e agir apenas *através* de vários agentes que devem agir *em seu nome*, quer sejam esses agentes logos, bandeiras, gráficos organizacionais, porta-vozes, *websites*, *press releases*, ou inclusive elementos arquitetônicos. Em outras palavras, nós precisamos reconhecer todos os agentes humanos e não humanos que contribuem para o modo de existência e ação de algo como uma organização ou sociedade, qualquer que seja o *nome* que receba...¹⁷

Para a discussão dos processos de mediação nos quais um ator faz outro ator falar em seu nome, (COOREN, 2010) usa a curiosa metáfora do ventriloquismo. Retomemos meu exemplo do executivo brasileiro nos Estados Unidos. As perguntas que ele faz, as condições que exige e os acordos que concede não são fruto de “livre arbítrio” ou de suas opiniões pessoais. Ora, a organização para a qual trabalha fala através dele. Em outros termos, nestas ações deslocadas é a sua organização que lhe autoriza a dizer o que diz, a negociar o que negocia.

Em sua discussão sobre agência e ventriloquismo, Cooren (2010, p. 8) não deixa de tratar de problemas éticos e de responsabilidade legal. Enquanto problemas gerados por menores de idade devem ser respondidos por seus pais, crises e prejuízos organizacionais acabam colocando na mira diretores e gerentes mais próximos do epicentro dos tremores: “...qualquer um trabalhando em uma organização sabe que uma pessoa pode ser considerada responsável pelo que não fez realmente, apenas porque o que ocorreu foi feito sob sua autoridade, que ela tecnicamente, legalmente foi a autora do que ocorreu.¹⁸” Ou seja, o executivo brasileiro pode tanto ser promovido pelos lucros gerados pela nova parceria, como também responsabilizado por problemas acarretados e/ou não resolvidos durante a negociação.

A metáfora de Cooren (2010) de ventriloquismo também desvela o movimento dos coletivos entre a imaterialidade e a encarnação. Na ilustração anterior do funcionário do CBP no aeroporto americano, é ele quem encarna as regras e procedimentos da instituição que representa e que lhe delega poderes. Suas condutas atualizam em cada “nova próxima vez” (GARFINKEL, 1984) os valores e princípios dos Estados Unidos. Ainda que

imateriais, as regras e o próprio Estados Unidos (que não é simplesmente uma quantidade de terra dentro de limites territoriais) se fazem presentes e se fazem falar através da encarnação daquele funcionário no aeroporto e dos documentos com os quais ele trabalha (um cartaz na parede, um manual de procedimentos, etc.). Em termos teóricos, a proposta conceitual de ventriloquismo também contribui para o entendimento da constituição dos agentes coletivos e de suas ações deslocadas.

Finalmente, a partir dos exemplos recém discutidos, é importante agora apresentar o conceito de porta-voz. Nos termos da Teoria Ator-Rede, trata-se daquele ator que fala em nome de outro. Como se viu, o funcionário do aeroporto americano e o executivo agem como porta-vozes do Serviço de Proteção da Fronteira (CBP) e da empresa brasileira, respectivamente.

Cooren (2000) traz outra ilustração do contexto das organizações que, além de demonstrar o papel do porta-voz, também revela a concatenação híbrida de actantes envolvidos em processos de tradução. O autor propõe uma situação hipotética na qual Carole, gerente de produção da empresa, precisa entregar um relatório sobre um novo produto. Ela então mobiliza Robert, que trabalha em seu departamento, para escrever a documentação técnica. Ao receber esse texto, Carole acrescenta a parte que redigiu e entrega o relatório para o presidente da organização. Além de Carole e Robert, outros actantes humanos e não humanos contribuíram com ações para que o texto pudesse ser entregue. Apesar dessa construção coletiva, é Carole quem assina o relatório. Ela atua como porta-voz, falando em nome de seu departamento.

Evidentemente, lembra Cooren, nem todo ator pode expressar-se em nome de outro. O problema da representatividade depende de certas autorizações, inclusive de caráter legal, sobre quem é reconhecido como voz legítima de outrem. O autor aponta que a atuação de um porta-voz de uma organização decorre de uma cadeia de agências, envolvendo humanos (presidente, diretores, etc.), textos (autorizações, protocolos, etc.), motivações e outros actantes não humanos (telefones, e-mails, etc.). Cooren (2000) conclui que a lógica de encarnação que culmina na declaração de um porta-voz legítimo é plural e híbrida.

De um ponto de vista metodológico, (LATOURET, 2005) defende que o estudo de qualquer formação grupal deve começar pela escuta de seus porta-vozes. Segundo o autor, todo grupo, independente de seu tamanho, conta com pessoas que esforçam-se em defini-lo,

descrever quem são, o que fazem, quais são suas regras, para onde se direcionam. O relato desses limites não raro são invocados para contrastar e diferenciar o grupo de todos os outros (inclusive grupos oponentes). Ora, os grupos não existem por si mesmos, nem tampouco são silenciosos. Dependem de esforços continuados de seus participantes. “Although groups seem to be already fully equipped, ANT sees none existing without a rather large retinue of group makers, group talkers, and group holders.” (LATOUR, 2005, p. 32).

Sempre atento a controvérsias, um pesquisador da Teoria Ator-Rede precisa também escutar outros porta-vozes que não fazem parte dos grupos, mas expressam pareceres sobre eles. Cientistas sociais, jornalistas e estatísticos, por exemplo, impactam a formação grupal. Suas visões sobre as características dos grupos participam de sua criação, manutenção e inclusive de seu desmembramento. Diferentemente do que supõe a ciência tradicional, todo observador participa do real em construção. Ou seja, o mundo não existe “lá fora”, como se pudesse ser fitado a distância.

CONVERSAÇÕES E TEXTUALIZAÇÕES

Nenhuma discussão sobre a agência de organizações pode prescindir de abordar a chamada Escola de Montreal. Fundamentada na Teoria Ator-Rede e em estudos de linguagem, e tendo como foco principal a comunicação, tal escola interessa particularmente a este artigo. Para James R. Taylor¹⁹, principal referência desse grupo, uma organização não pode ser abordada como mero produto, pois trata-se de um actante cuja agência exerce impacto sobre os outros participantes. Ao criticar as perspectivas que tentam abordar diretamente a organização, busca primeiro observar a comunicação, a partir da qual a organização toma forma e se transforma a todo momento. Para Robichaud e Cooren (2013), a principal contribuição de Taylor é demonstrar como uma organização emerge e se mantém através da comunicação e da linguagem, por meio da tradução de conversações em textos, e de textos em conversações. Esta seção pretende justamente refletir sobre tais associações híbridas.

Fortemente influenciados pela etnometodologia de Garfinkel (1984), Taylor e Every (1999) afirmam que a organização é uma entidade que se constrói nas conversas das pessoas. Mas, se as organizações não possuem um *locus* único e operam também no passado e no futuro, como as interações em tempo real podem criar e recriar a organização? Para a Escola de Montreal é o texto, a ação de “textualizar”, que promove tal

conexão. Como textos podem ser reproduzidos, distribuídos, armazenados e consumidos em tempos e lugares diferentes, eles tanto registram conversações passadas como instruem novas interações situadas. Segundo esta perspectiva, o texto é “o elemento que explica a capacidade de múltiplas comunidades de formar uma unidade integrada de propósitos e crenças” (TAYLOR e CASALI, 2010, p. 76). Sem um texto compartilhado ou modos de textualização, a organização deixaria de existir.

Apesar de se defender a fundamental importância da conversação, ela não é suficiente para explicar a organização. É a partir da tensão entre a imprevisibilidade das conversações e da estrutura mais permanente do texto que a organização pode ser conceituada (TAYLOR e EVERY, 1999).

Através das conversações são criados “mundos textuais”, que documentam o resultado das interações. Quando recorre-se a esses textos, eles criam novas situações interativas. É a partir deles que novas conversações podem ser articuladas e que a própria organização poderá ser reinventada, através de novos documentos, e assim por diante. São os registros textuais que dão forma pública à organização e que coordenam os esforços conversacionais de seus públicos.

Para Taylor e Every (1999, p. 210), a base da organização-como-conversação é a interação. E a base da organização-como-texto é a descrição simbólica. É dessa articulação que emerge a organização: “O texto é produto de um processo conversacional, mas é também seu material bruto e principal preocupação. Juntos, pois, a conversação e o texto formam uma cadeia auto-organizada²⁰”.

É preciso reconhecer o valor inspirador desta ontologia, eminentemente recursiva. São os textos que materializam linguisticamente o fazer e a identidade da organização, permitindo que ela ultrapasse suas fronteiras locais. E são eles que oferecem tanto subsídios quanto limites que estruturam a dinâmica das conversações. Estas, por sua vez, reinventam a todo momento a organização e inspiram novos textos.

Em termos mais filosóficos, a organização não pode ser vista como uma estrutura determinística, um simples conjunto de potenciais prontos para se realizarem, atingindo os efeitos previstos. A Escola de Montreal quer justamente dar ênfase à virtualidade da organização – um complexo problemático que se atualiza continuamente nas conversações e a partir dos textos codificados. A organização passa a ser estudada a partir

comunicação, sendo que esta é compreendida como sendo situada (tempo, espaço, relacionamentos, materialidades, etc.) e mediada pela linguagem.

Como a organização se realiza e se atualiza a partir de conversações, pontuais (como diálogos eventuais entre dois colegas) ou de maior envergadura (entre grandes grupos, por exemplo), pode-se concluir que a organização é da ordem do acontecimento, não encontra-se cristalizada, desconectada de história, cultura, espaço, política, sociedade, etc. É, pelo contrário, uma construção, recriada a todo momento na linguagem enquanto é mobilizada por conversações e textos, que também criam-se uns aos outros.

A Escola de Montreal não estuda o texto em suas características estruturais, mas sim o impacto que tem nas conversações entre os membros das organizações. Diferentemente do enfoque usual – textos são algo sobre o qual se age –, Taylor e Every (2010) abordam o texto não apenas em sua dimensão ilocucional, mas também, e sobretudo, em sua dimensão perlocucional²¹. Nesse sentido, textos são vistos como actantes²². Os textos gerados criam um contexto que tem impacto direto nas conversações. Em outras palavras, a Escola de Montreal busca investigar como o texto age nas conversações, criando um contexto para sua ocorrência.

Não se pode supor, contudo, que qualquer texto será interpretado da mesma forma por diferentes pessoas e comunidades e que inspirará conversações idênticas em qualquer situação. Mesmo que a materialidade de um documento possa ser a mesma, seus efeitos podem ser muito diferentes. Como exemplo, Taylor e Every (2010) citam o caso de um pôster de um evento nacional no Chile promovido por uma ONG. Para alguns grupos de cidades do interior o cartaz causou conflitos por não valorizar as realidades locais. Tensões como essas têm repercussões em ações conversacionais futuras, que fazem os participantes refletirem sobre como definem a organização. No exemplo citado, isso ocorre quando a coordenação da ONG debate o problema relatado pelos representantes locais.

A relevância de um texto é percebida de formas variadas em cada contexto. Ele pode tanto encontrar consensos quanto criar divergências, em virtude de como é interpretado em relação às atividades desempenhadas e em relação às visões de cada membro sobre a própria organização. Deve-se salientar que as relações interpessoais e as figuras de autoridade em uma organização também influenciam como são construídos

os sentidos do texto. Isto é particularmente visível em blogs dentro de uma intranet, principalmente em posts do presidente ou de altos executivos (PRIMO e ZAGO, 2013).

A organização também se manifesta publicamente através de processos de textualização: “A textualização ocorre quando uma rede—que, em sendo uma rede, pode saber mas não tem voz para dizer o que sabe, nem qualquer forma para traduzir seu conhecimento em uma forma simbólica que pudesse ser vocalizada — afirma seu conhecimento (ou então tem isso dito por ela).²³” (TAYLOR e EVERY, 1999, p. 228). Por exemplo, uma matéria de jornal que relata a defesa de um órgão do governo, segundo entrevista com um diretor, ou uma nota distribuída pela assessoria de comunicação, ilustra uma forma de textualização. Apesar do entrevistado ou do assessor de imprensa serem indivíduos e atenderem por seus nomes próprios, quem fala na reportagem é a organização. O que é dito oficialmente é fruto da inter-relação de conversações e textos da e na organização. Recursivamente, aquela matéria é um novo texto que terá impacto em novas conversações, e assim sucessivamente, dando movimento à construção da organização enquanto rede.

Que papel tem blogs, contas no Twitter e páginas no Facebook nesse processo? Estes meios digitais contribuem para a materialização da organização. Blogs, contas e páginas “oficiais” de produtos específicos ou de suas autoridades (que agem como porta-vozes), firmam uma posição, indicam direções e subsidiam a imagem formada pelos públicos externos. Posts e tuítes criados para lidar com crises específicas visam justamente divulgar as reações da empresa diante dos fatos. Mesmo que possíveis prejuízos materiais possam ser irreparáveis, busca-se lapidar as tensões comunicacionais através de posts que enfrentam os problemas. As formas de presença digital mantidas em nome da organização “falam” por ela (PRIMO e ZAGO, 2013). Os diferentes públicos ao lidarem com uma empresa (consumindo seus produtos, conversando sobre ela, etc.) levam em conta o que ela lhes “disse” anteriormente em posts e tuítes.

Enfim, para a Escola de Montreal, a textualização permite que conversações ultrapassem seus limites espaciais e temporais. Pode-se dizer, portanto, que enquanto as conversações virtualizam a organização, buscando defini-la diante das tensões de perspectivas sobre ela (o que resulta em uma reinvenção continuada), os textos contribuem para sua materialização. Em retorno, os textos produzidos criam novas problematizações, que tematizarão futuras conversações.

JÉRÔME VALCKE COMO ENCARNAÇÃO DA FIFA

Com o intuito de mobilizar os conceitos da Teoria Ator-Rede e da Escola de Montreal discutidos até aqui, empreendeu-se a seguinte investigação. No dia 23 de outubro de 2014, fez-se uma busca através do sistema de pesquisa avançada²⁴ do Google pela combinação de palavras “Jérôme Valcke”. Isto é, o nome e sobrenome precisavam constar nessa sequência, sem outros caracteres no meio. Determinou-se também que o sistema de busca deveria apenas listar textos encontrados no site do jornal gaúcho Zero Hora. Através desse expediente, pretendeu-se recuperar informações adicionais sobre a controvérsia de quem deveria pagar as estruturas temporárias da Copa do Mundo no estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. De toda forma, outros temas foram também recuperados. Realizada a busca, visitou-se todas as matérias do jornal listadas nas cinco primeiras páginas de resultados. Os quatro primeiros resultados foram eliminados, pois apontavam para uma pesquisa interna do site da Zero Hora de textos no jornal com a tag “Jérôme Valcke” (recurso esse que apresentava erro, pois não retornava nenhum resultado). Depois, copiou-se o conteúdo das 42 *webpages* listadas a seguir. Desse total, foram separadas para análise os 27 textos publicados em 2014. Vale comentar que os resultados apresentados e sua ordem foram definidos pelos algoritmos de filtragem do Google²⁵. Este actante não humano, portanto, acabou participando da seleção do corpus aqui analisado.

A análise das matérias coletadas buscou observar as ações de Jérôme Valcke, secretário-geral da Federação Internacional de Futebol (Fifa), organização que promove a Copa do Mundo. Sua atuação como porta-voz da Fifa foi acompanhada de perto pela mídia nacional em virtude de suas inúmeras viagens ao Brasil para vistoriar as obras nos estádios e negociar com autoridades nacionais. As polêmicas críticas de Valcke sobre os atrasos e sobre o jeito brasileiro de administrar foram muito debatidas no período. As matérias jornalísticas coletadas reproduzem muitas de suas declarações orais e escritas, como também de porta-vozes de outras organizações envolvidas nas controvérsias. A discussão a seguir pretende refletir sobre como essas organizações falam através da encarnação desses profissionais.

As chamadas estruturas temporárias (como contêineres e tendas), instaladas no entorno dos estádios de futebol que sediaram jogos da copa, foram um dos principais temas controversos nos meses que antecederam a realização do evento. O ano de 2014 inicia com essa controvérsia. Em matéria de 20/01/2014, que cobria a visita de Valcke à São Paulo,

Raquel Vedenacci, coordenadora da Secretaria Executiva do Comitê Paulista, declarou: “O governo de São Paulo não tem obrigação contratual de arcar com os custos das estruturas complementares. A determinação é de que os investimentos sejam estritamente para infraestrutura, mobilidade urbana e segurança”. Através dessa porta-voz, o governo paulista protestou. O argumento mais forte precisou recorrer a um actante não humano (o contrato) para insistir que a obrigação não era da prefeitura. Apesar desse documento ilustrar uma textualização fruto de diversas conversações (TAYLOR e EVERY, 1999), observa-se como novas conversações (entre os porta-vozes da prefeitura e Valcke) e textualizações (a matéria jornalística, por exemplo) decorrem de sua referenciação.

No caso do Internacional, proprietário do estádio Beira-Rio, a controvérsia sobre a responsabilização pelas despesas com estruturas temporárias teve um ingrediente adicional: a polêmica sobre existência ou não de um contrato assinado pela administração anterior do clube no qual comprometia-se com os gastos.²⁶ Ou seja, tal actante não humano, cuja materialidade deixava dúvidas, motivou uma sequência de conversações e textualizações.

Para o principal porta-voz do clube, o presidente Giovanni Luigi, as estruturas deveriam ser pagas pela Prefeitura de Porto Alegre e pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Em matéria do dia 17/02/2014, o prefeito José Fortunati, falando em nome da administração da cidade de Porto Alegre, garantiu que não poderia pagar a conta, e também responsabilizou o Governo Federal. Ao responder sobre a possibilidade da Fifa arcar com as estruturas temporárias, Valcke, com a autoridade que a Fifa lhe delegou, afirmou categoricamente: “A resposta é não”.

Mais tarde, conforme registra matéria de Zero Hora (25/03/2014), a aprovação de projeto de lei de isenção fiscal para empresas gaúchas que investissem naquelas estruturas não puderam ser informadas para Valcke, pois ele já havia encerrado o expediente no Comitê Organizador Local (COL) do Rio de Janeiro, onde despachava. Além das associações que mobilizaram diversas organizações e seus porta-vozes, pode-se também reconhecer o grande número de ações deslocadas. Para citar apenas um exemplo, veja-se o COL, que naqueles dias era o *locus* de importantes decisões da Fifa (encarnada ali pelo francês Jérôme Valcke), cuja sede é em Zurique.

Enquanto a Fifa, actante coletivo sem corpo próprio, falava através de seus porta-vozes e de suas textualizações (seu site, contratos assinados por representantes, etc.),

ela enxergava através das associações entre monitores (actantes não humanos) instalados no COL do Rio e diversos atores humanos que acompanham o andamento das obras nos estádios das 12 sedes (ZH 21/01/2014)²⁷.

Nas vistorias às sedes (ZH 22/04/2014) a Fifa (mais uma vez encarnada em Valcke) era acompanhada pelo Comitê Organizador Local (encarnada nos ex-jogadores Bebeto e Ronaldo) e pelo Governo Federal (encarnado no Ministro do Esporte, Aldo Rebelo). A voz de Valcke – que garantia que tudo daria certo, mas que não se poderia perder nem um minuto a mais – precisou concatenar-se com repórteres lá presentes e com a grande cadeia de actantes das organizações midiáticas de modo que as opiniões orais da Fifa pudessem ser textualizadas.

A matéria do dia 25/04/2014 noticia uma curiosa delegação de outra delegação. Ao ser questionado sobre a Fifa ser posteriormente reembolsada pela instalação das estruturas temporárias no entorno do estádio Beira-Rio, Valcke simplesmente olhou para Ricardo Trade (que liderava o COL) que respondeu por ele (ou seja, pela Fifa): “Estamos em contato direto com o Inter. O presidente Giovanni Luigi tem dado todas as garantias. Ainda há tempo, acreditamos. Confiamos muito no clube. Temos nossos funcionários lá auxiliando.” Como se vê, falar com Luigi era falar com o Internacional, pois o quadro de associados do clube lhe delegou tais poderes. Na sequência da entrevista, a fisionomia de Valcke, o movimento de seu corpo, tornou-se reação da organização que encorpa. Assim narrou o jornal Zero Hora, através de seu repórter:

Ao ser questionado sobre a possibilidade da Fifa pagar e depois cobrar os valores das estruturas em São Paulo e Porto Alegre, Valcke afirmou que a questão ainda não está sendo discutida:

– Não é assim que estamos trabalhando. Não estamos pagando para depois receber o reembolso. – com semblante sério.

Em tempo, vale observar o uso da primeira pessoa do plural. A rigor, essa forma de expressão é absolutamente comum no mundo corporativo. É o reconhecimento dos funcionários de que fazem parte de uma rede, de um actante coletivo. Além de agir em nome da organização, carregar seu logotipo no crachá pendurado ao pescoço, portanto de constituir esse próprio coletivo, cada um daqueles funcionários é também constituído pela organização.

Outra controvérsia bastante presente na mídia foi o problema do grande número de sedes, em tantos estados brasileiros. A Fifa, vocalizada por Valcke, responsabilizou o

Governo Federal e a CBF por essa decisão. Não cria que não pudesse ser alvo de críticas quanto à multiplicação de gastos com estádios. E, como demonstra o trecho da matéria abaixo (ZH 09/05/2014b), as organizações nacionais foram referidas por suas encarnações naquela oportunidade:

Ele [Valcke] ressaltou que a decisão de estruturar a Copa da forma que ela vai ocorrer não foi ideia da Fifa. Segundo Valcke, foi o governo brasileiro, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e Ricardo Teixeira, então presidente da CBF, que fizeram questão de insistir com a entidade de que o Mundial teria de ocorrer em 12 cidades, ao invés das oito planejadas, e que as seleções não poderiam ficar em apenas uma região do País.

Evidentemente, Valcke, Lula e Ricardo Teixeira não são apenas fantoches passivos. Não se pode tomar os termos porta-voz e ventriloquismo em seu sentido vulgar, pois são aqui utilizados como conceitos. Ora, diante dos altos cargos que ocupam, o poder delegado àquelas autoridades (pelo voto, segundo contratos de admissão, etc.) lhes faculta definir encaminhamentos e negar demandas que julguem incorretas (conforme as normas que guiam suas atuações). Além disso, podem eles mesmos delegar funções a outros funcionários, prática que levam a cabo constantemente. De todo modo, a metáfora de ventriloquismo de Cooren (2010) indica que através dos presidentes do Brasil e da CBF e do secretário-geral da Fifa muitas outras vozes são ouvidas. Nesse sentido, eles não verbalizam simplesmente suas opiniões pessoais. Diante da confiança recebida daqueles que lhes delegaram poderes, devem defender os interesses de suas organizações. Com estas considerações, pode-se perceber como a crítica de Valcke (e da Fifa) a seguir (ZH 09/05/2014b) envolve essa dupla função (porta-voz e mandatário) e inclusive o processo coletivo de delegação (a eleição):

Encaramos uma eleição geral no Brasil e não foi fácil sair de Luiz Inácio Lula da Silva para uma nova presidente. Sempre leva algum tempo para um novo governo entrar nos assuntos e tivemos também um número elevado de mudanças de ministros —, revelou.

Outro aspecto a ser mencionado sobre a encarnação da organização é a circulação do corpo do porta-voz. Veja-se a seguinte matéria (ZH 21/05/2014) sobre a visita de Valcke ao Beira-Rio:

A preocupação iniciou logo ao entrar no pátio do complexo, quando o carro em que estava precisou desviar de algumas poças d'água ocasionadas pela chuva até chegar ao portão oito [circulação do corpo do porta-voz], por onde ingressou no estádio. O CEO do COL, Ricardo Trade, e o gerente do Comitê na Capital, Paulo André Jukoski, o Paulão, acompanharam o

dirigente da Fifa em uma reunião com a vice-presidente do Inter, Diana Oliveira, que apresentou o panorama do andamento das obras no estádio.

Diferentemente de uma negociação online, a Fifa pode sentir os buracos nas imediações do estádio através da percepção do corpo de Valcke. Nenhuma foto ou relato tendenciosos puderam garantir o bom andamento das obras. Os solavancos do carro causados pelos buracos inundados pela chuva puderam ser sentidos por toda comitiva. Tendo detectado o constrangimento das inúmeras organizações presentes, representadas por seus porta-vozes, a imprensa esperou o inevitável comentário de Valcke. A reprimenda acabou vindo via Twitter: “Segue o trabalho para entrega das estruturas complementares no Beira-Rio. Mas ainda há muito a fazer em Porto Alegre”. Veja-se a sequência de ações deslocadas. A verificação sensorial *in loco* foi sentida pela Fifa em Zurique. Sua reação pública veio em outro tempo e em outro lugar (o tuíte). Apesar de outras críticas de Valcke terem sido encaminhadas em conversações a portas fechadas, essa manifestação pública do porta-voz da Fifa teve efeitos nas organizações nacionais *a posteriori* e alhures.

Com o prolongamento da controvérsia sobre as estruturas temporárias, percebe-se que a análise das textualizações em documentos oficiais continuaram gerando novas conversações e novas textualizações. O porta-voz da Fifa veio então a público indicar um mal-entendido, conforme se pode conferir na matéria a seguir (ZH 29/05/2014):

Em entrevista à BBC Brasil, Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa, afirmou que a entidade talvez não tenha deixado claro de quem era a responsabilidade financeira das estruturas temporárias dos estádios privados da Copa do Mundo de 2014 – o Beira-Rio, o Itaquerão, em São Paulo, e a Arena da Baixada, em Curitiba. O dirigente disse que houve uma “discussão interminável sobre por que deve-se pagar por algo que não poderá ser usado no futuro”.

Na mesma matéria, apesar de ser o executivo a quem a organização Fifa delegou a tarefa de gerenciar os preparativos para a Copa, Valcke demonstrou preocupação que suas ações tivessem causado um possível prejuízo à imagem da Fifa:

Não acho que tenha sido (um problema) entre a Fifa e o Brasil. Às vezes, foi entre mim e o Brasil. Em uma ou duas ocasiões, acho que as palavras usadas por mim foram muito fortes. Numa parceria em que há tantas partes envolvidas, pode haver alguma tensão às vezes – comentou.

Valcke, no intuito de proteger a organização para a qual trabalha, puxou para si a responsabilidade pela imagem negativa. Admitiu que suas palavras foram infelizes. Por outro lado, como esperar que a imprensa e o público conseguiriam separar Valcke da

Fifa, tendo em vista que ele próprio fora apresentado como a encarnação da Fifa? O jogo retórico do secretário-geral nesse momento é tentar diminuir os ataques à sua organização, ainda que ele seja a incontestável voz da Fifa no Brasil.

Um comentário semelhante havia sido manifestado por Valcke em matéria anterior (ZH 09/05/2014a):

Como secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke passou os últimos anos na frente de batalha para tratar dos problemas registrados nos preparativos da Copa do Mundo 2014, o que o transformou no elemento considerado “mau” da organização do evento.

– Fiquei sabendo que havia aparecido na imprensa brasileira não sei quantas vezes, mas muitas vezes a mais que as autoridades brasileiras. Mas 63% do que disse foi negativo... Então sou uma pessoa muito negativa! – disse Valcke, em um encontro com jornalistas de vários meios de comunicação.

O número dois da Fifa lamentou que cada crítica tenha virado manchete na imprensa e terminado contra ele, o que o transformou na pessoa “má”, sem que ninguém parasse para pensar se ele tinha razão ou não.

Valcke acredita que é preciso repensar o papel que o secretário-geral deve desempenhar no dia a dia da organização da Copa do Mundo, assim como estabelecer uma interação diferente com o comitê organizador, para não ser obrigado a comparecer ao local a cada dois meses.

– Não posso mais ser a pessoa que critica sempre a organização do país, o único, porque não há ninguém mais que diga o que não funciona”, completou o francês.

“Tenho a necessidade de estar nesta posição na qual se entra em conflito com as estruturas do país sistematicamente? Isto não é muito agradável – completou Valcke.

Na verdade, Valcke parecia lamentar que sua imagem pessoal era confundida com a da Fifa. Sugeriu então que o secretário-geral não deveria ser a pessoa responsável por criticar as organizações locais. Trata-se de uma ocasião em que Valcke passa a estar acima do script, conforme vocabulário proposto por Latour (2013), criando uma potencial crise. É como se Dr. Jekyll quisesse separar-se de Mr. Hyde. Negar-se como encarnação da Fifa seria também negar a autoridade que esse coletivo híbrido construiu através das contribuições de seu porta-voz. Querer descolar-se da reação negativa às pressões que verbalizou significava não aceitar o processo de ventriloquismo do qual aceitou participar.

A íntima relação do porta-voz com sua organização também pode ser percebida em outra polêmica. A matéria de título “Valcke põe herdeiro na organização de jogos da Copa no Brasil” (ZH 03/06/2014) relata que o jornal Estado de São Paulo encontrou documentos internos da Fifa que revelavam que o secretário-geral da organização empregou seu filho para trabalhar na Copa do Mundo no Brasil. Neste episódio, porém, não

houve nenhuma manifestação da Fifa. Mesmo que Sebastian Valcke já trabalhasse na organização antes do Mundial, a assessoria de imprensa da Fifa (outro porta-voz oficial) não respondeu à reportagem sobre o caso. Ou seja, até mesmo quando a organização permaneceu calada ela motivou textualizações da imprensa.

Finalmente, é preciso discutir como a voz da Fifa envolveu associações entre actantes humanos e não humanos. Além da presença física de Valcke diante da imprensa, suas manifestações (ou que pelo menos levaram sua assinatura) através de mídias digitais²⁸ também receberam atenção e divulgação. Como se pode verificar no jornal Zero Hora (como no tuíte antes citado) e em outros sites noticiosos, publicações no Twitter, e textos de Valcke no site oficial da Fifa foram reproduzidos em diferentes matérias.

Em tuíte citado por Zero Hora (ZH 20/01/2014), Valcke publicou: “Legal estar acompanhado de @aldorebelo, @officialcafu e @bebetotetra94 neste primeiro tour de 2014 para ver o progresso da #copa2014”. Percebe-se um uso estratégico do tuíte para se aproximar do público brasileiro: vertendo o texto para o português, citando célebres jogadores e usando a gíria “legal”. Já em sua carta publicada no site da Fifa (<http://goo.gl/zj0qba>) aproveitou o maior espaço disponível para fazer maior argumentação sobre o futuro sucesso da Copa. A página também inclui foto de Valcke ao lado de outros dois representantes do mundial no Brasil: o mascote Fuleco e o ex-jogador Ronaldo. Sem surpresas, a carta foi citada por Zero Hora (19/05/2014): “O secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke chegou nesta segunda-feira no Brasil, onde ficará até a final da Copa. Em carta divulgada no site da entidade, o dirigente foi enfático: ‘Claro que vai ter Copa’, escreveu.”

As duas textualizações publicadas online recém citadas são suficiente para destacar o caráter híbrido responsável por sua produção e circulação. Para que os textos pudessem ser lidos e copiados pela mídia (objetivo visado pela Fifa), uma concatenação de actantes humanos e não humanos precisou ser mobilizada. A rigor, não se tem condições de saber quantos humanos estiveram envolvidos na redação dos textos. Mas redatores podem ter escrito e/ou revisado o tuíte e a carta em nome de Valcke, que fala em nome da Fifa. Certamente um ou mais tradutores precisaram verter o texto original para o português. Caso a hipótese de Valcke não ter ele mesmo redigido a carta (ou parte dela) for verdadeira, pode-se aí reconhecer a curiosa realização de ventriloquismo do ventriloquismo: o porta-voz que fala pela Fifa fala através de outro. Em outros termos, a redação do porta-voz é escrita pela mão de um terceiro invisível (cuja identidade

é irrelevante). Além da associação dessas pessoas, a interação com actantes não-humanos, como o Twitter e o site da organização, foram necessárias para a publicação online. Estes sistemas digitais, por sua vez, mobilizam outras concatenações híbridas que os programaram e os mantêm em funcionamento. Veja-se que esta rápida listagem revela a complexidade das redes associadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afastando-se do olhar funcionalista que frequentemente caracteriza estudos de comunicação organizacional, este artigo buscou refletir sobre a ontologia das organizações, conforme as contribuições da Teoria Ator-Rede (LATOUR, CALLON, LAW). Para tanto, se fez acompanhar pela chamada Escola de Montreal (TAYLOR e COOREN). Entende-se que a abordagem performativa das organizações proposta por esse grupo permite uma melhor compreensão sobre a agência de complexos coletivos sociotécnicos.

A partir desse foco, buscou-se detalhar como uma organização – ausente e presente ao mesmo tempo, que não pode falar por si mesma – manifesta suas visões quando alguém registra posições em seu nome (TAYLOR e EVERY, 1999). Com o intuito de demonstrar como a encarnação (COOREN, 2010) de um porta-voz atualiza a presença da organização, empreendeu-se uma análise sobre a cobertura das manifestações do secretário-geral da Fifa, Jérôme Valcke.

Espera-se que este texto possa provocar novas dúvidas e, portanto, novas conversações.

REFERÊNCIAS

CASTOR, Theresa; COOREN, François. Organizations as Hybrid Forms of Life: The Implications of the Selection of Agency in Problem Formulation. *Management Communication Quarterly*, v. 19, n. 4, p. 570-600, 2006.

COOREN, François et al. Communication, Organizing and Organization: An Overview and Introduction to the Special Issue. *Organization Studies*, v. 32, n. 9, p. 1149-1170, 2011.

COOREN, François; BRUMMANS, Boris HJM; CHARRIERAS, Damien. The Coproduction of Organizational Presence: A Study of Médecins Sans Frontières in Action. *Human Relations*, v. 61, n. 10, p. 1339-1370, 2008.

COOREN, François. *Action and Agency in Dialogue: Passion, Incarnation and Ventriloquism (Dialogue Studies)*. John Benjamins Publishing Company, 2010.

- COOREN, François. *The Organizing Property of Communication*. John Benjamins, 2000.
- GARFINKEL, Harold. *Studies in Ethnomethodology*. Cambridge: Polity, 1984.
- LATOUR, Bruno et al. 'The Whole is Always Smaller Than Its Parts' - a Digital Test of Gabriel Tardes' Monads. *The British Journal of Sociology*, v. 63, n. 4, p. 590-615, 2012.
- LATOUR, Bruno. "What's the Story?" Organizing as a Mode of Existence. In: Robichaud, Daniel; Cooren, Francois (eds.), *Organization and Organizing. Materiality, Agency and Discourse*. New York: Routledge, 2013.
- LATOUR, Bruno. On Technical Mediation: Philosophy, Sociology, Genealogy. *Common knowledge*, v. 3, n. 2, p. 29-64, 1994.
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.
- LAW, John. Notes on the Theory of the Actor-Network: Ordering, Strategy, and Heterogeneity. *Systems practice*, v. 5, n. 4, p. 379-393, 1992.
- PARISER, Eli. *O Filtro Invisível: O Que a Internet Está Escondendo De Você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PRIMO, Alex; ZAGO, Gabriela. The Organisation (Re) Invented By Its Blogs. *International Journal of Organisational Design and Engineering*, v. 3, n. 2, p. 121-136, 2013.
- PRIMO, Alex. O Que Há De Social Nas Mídias Sociais? Reflexões a Partir Da Teoria Ator-Rede. *Contemporanea*, v. 10, n. 3, p. 618-641, 2012.
- ROBICHAUD, Daniel; COOREN, Francois. Introduction: The Need for New Materials in the Constitution of Organization. In: Robichaud, Daniel; Cooren, Francois (eds.), *Organization and Organizing: Materiality, Agency and Discourse*. New York: Routledge, 2013.
- SEARLE, John R. *A Redescoberta Da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- SEARLE, John R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.
- SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois, 1962.

TAYLOR, James R.; CASALI, Adriana Machado. Comunicação: O Olhar Da Escola De Montreal Sobre O Fenômeno Organizacional. In: MARCHIORI, Marlene (ed.), *Comunicação E Organização: Reflexões, Processos E Práticas*. São Caetano do Sul: Difusão, 2010.

TAYLOR, James R.; EVERY, Elizabeth J. Van. *The Emergent Organization: Communication as Its Site and Surface*. Londres: Routledge, 1999.

TAYLOR, James R.; EVERY, Elizabeth J. Van. *The Situated Organization: Case Studies in the Pragmatics of Communication Research*. Londres: Routledge, 2010.

NOTAS

- 1 No original, "Organizations are portrayed, instead, as ongoing and precarious accomplishments realized, experienced, and identified primarily - if not exclusively - in communication processes."
- 2 Ver (LATOUR, 2005, p. 37).
- 3 Esse texto foi lido por Bruno Latour em uma palestra proferida em homenagem ao fundador da Escola de Montreal, James R. Taylor. A palestra, então intitulada "What is an organization? Materiality, agency and discourse - A tribute to the work of James R. Taylor", pode ser assistida no seguinte link: <http://youtu.be/rrMxyQP3rYY>
- 4 Ainda que nesse texto Latour não se ocupe em apontar a participação de tal escultura como um actante não humano, pode-se observar como sua presença, ainda que estática, é a todo momento reconhecida e referenciada. Isto é, o busto modifica as ações daquela reunião em curso.
- 5 No original, "flatland".
- 6 No original, "You stop carrying it on: it drops dead."
- 7 No original, "there is never any thing deeper than what is in its actuality".
- 8 No original, "This is what makes the life in our board of directors so hard: We simultaneously have the feeling that this school is as solid, weighty, obdurate, obstinate, as a hundred ton pyramid that sits on our weak shoulders paralyzing and stifling us; and that, at the same time, or in the next moment, it could dissipate like a flock of sparrows - we have to work hard to bring it together so that it could last for another span of time, the duration of which remains totally unpredictable..."
- 9 No original, "This means that given their capacity to make a difference, entities as diverse as texts (e.g., "This document confirms his participation in the conference"), machines (e.g., "The computer indicates that the battery's level of energy is very low"), signs (e.g., "These arrows will lead you to her office"), or even collectives (e.g., "IBM has just decided to down-size its operations") have agency..."
- 10 No original, "Recognizing that action and agency are not human beings' privileges indeed allows us to decenter our analyses and show that people are acted upon as much as they act."
- 11 No original, "...as any representatives, they can translate what we appear to mean, but they can also betray us, making us do and say things we did not intend."
- 12 Ou, como disse magistralmente Jorge Luis Borges, o original é infiel à tradução.
- 13 No inglês, *Customs and Border Protection*.
- 14 Associo ao meu exemplo da viagem a trabalho do executivo brasileiro, a ilustração de Cooren (2010) do funcionário americano no aeroporto.
- 15 No original, "a concatenation of mediators does not trace the same connections and does not require the same type of explanations as a retinue of intermediaries transporting a cause."

- 16 O termo vem do latim (*in carnare*) e significa “fazer-se carne”.
- 17 No original, “If we indeed never leave the terra firma of (inter-)action, it means that something such as an organization or society, for example, comes to exist and act only *through* the various agents who (or that) are supposed to act *in its name*, whether these agents happen to be logos, flags, organizational charts, spokespersons, websites, press releases, or even architectural elements. In other words, we need to acknowledge all the human and nonhuman agents contributing to the mode of existence and action of something like an organization or society, be it only through the *name* that “it” receives...”
- 18 No original, “...anybody working in an organization knows that a person can be deemed responsible for something that she did not actually do, just because what happened was done under her authority, that she technically, legally was the author of what happened.”
- 19 François Cooren, já bastante citado neste trabalho, é outro expoente da Escola de Montreal.
- 20 No original, “Text is the product of the conversational process, but it is also its raw material and principal preoccupation. Together, then, conversation and text form a self-organizing loop”.
- 21 Segundo a teoria dos atos de fala, o ato perlocucional refere-se aos efeitos e consequências (persuasão, por exemplo) dos atos ilocucionais (como uma argumentação) sobre as ações dos ouvintes (SEARLE, 1970).
- 22 Para uma discussão sobre agência textual, ver (COOREN, 2010).
- 23 No original, “Textualization occurs when the network—which, being a network, may know but has no voice to say what it knows, nor any way to translate its knowledge into a symbolic form that could be voiced—states its knowledge (or rather has it stated for it).”
- 24 https://www.google.com.br/advanced_search
- 25 Sobre como os algoritmos utilizados pelo Google e pelo Facebook condicionam as informações que lemos, ver (PARISER, 2012).
- 26 Para mais detalhes sobre essa controvérsia, ver as duas matérias seguintes (que não fazem parte do corpus analisado): <http://goo.gl/GGj2eo> e <http://goo.gl/rJ1iNX> .
- 27 A partir de agora essa notação, que reúne a sigla do jornal Zero Hora e uma data, referencia o dia de publicação da matéria analisada.
- 28 Para uma discussão fundamentada na Teoria Ator-Rede sobre porque o termo “mídias sociais” é aqui evitado, ver (PRIMO, 2012).

Artigo recebido: 08 de outubro de 2014

Artigo aceito: 06 de novembro de 2014